



Os Dispositivos Comunicacionais e Informativos: Do Alfabeto a Era Digital¹

Erick RUAN²

Prof.^a Camila LOUREIRO³

Faculdade Estácio Fatern, Natal, RN.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de evolução das tradicionais mídias massivas, e assim destacar o surgimento de uma nova era da comunicação, denominada de pós-massiva, ou seja, as aclamadas mídias digitais. Para tanto, pretendemos esclarecer a diferença entre informação e comunicação dentro do acentuado crescimento de complexidade no campo comunicacional. Diante deste cenário, será que a mídia digital proporciona uma comunicação na sua essência real ou genuína, ou apenas há uma informação mecânica, superficial e descartável?

PALAVRAS-CHAVE: Mídias Massivas; Mídia Digital; Informação; Comunicação.

1. Introdução

Adentrar nos labirintos conceituais da comunicação é um desafio, pois pesquisar aspectos de sua origem é como explicar um mundo turbulento onde o movimento é a lei. Os estudos sobre comunicação torna-se um fenômeno complexo, por apresentar recortes passíveis de serem investigados por várias disciplinas: sociologia, antropologia, psicologia, filosofia entre outras. Este legado essencialmente miscigenado pode tanto dificultar sua integração teórica e metodológica quanto enriquecer o campo de estudo comunicacional, se houver uma tentativa diligente de montar este mosaico.

Diante do exposto, é quase um consenso irrepreensível acreditar que os meios de comunicação tradicionais - como o jornal, o rádio, o cinema, a televisão - mudaram bruscamente a vida e história da humanidade. É fato também que outros processos comunicativos são fundamentais como: a fala, os gestos, a escrita (pictográfica, hieroglífica, ideográfica e fonética) e a impressão, também denominada de Era de Gutenberg, conformaram novos ambientes culturais. Isto porque, segundo Santaella

¹ Trabalho apresentado no IJ 08– Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 4º período semestre do Curso de Publicidade e Propaganda Estácio Fatern, email: erickruaan_@live.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Estácio Fatern, email:amiaaa@hotmail.com



(2005), a comunicação é capaz de alterar as interações sociais e a estrutura da sociedade de modo geral.

Embora a comunicação faça parte da nossa essência antropológica, só foi no momento da Revolução Industrial que a comunicação massiva começou a se instaurar. Apesar das críticas dos teóricos da Escola de Frankfurt, o advento das mídias tradicionais possibilitou - independente de análises maniqueístas - a difusão e propagação massiva de entretenimento, arte, cultura e informação. De acordo com Lévy (1999), as telecomunicações⁴ foram responsáveis de ampliarem as conexões no mundo, através de: contatos amigáveis, transações contratuais, trocas de conhecimento, transmissões de saber e a descoberta de diferenças.

Mas em contrapartida, ainda conforme o autor, as telecomunicações também foram capazes de provocar um dilúvio devastador, devido sua natureza impetuosa, exponencial, desordenada e crescente. Nesse sentido, os contatos transversais entre indivíduos proliferaram de um modo anárquico e vertiginoso. Isto porque, ela se estende, segundo Lévy (1999), por meio das “águas tumultuosas e dos turbilhões da comunicação, da guerra das imagens [...] das propagandas e a das contrapropagandas e por fim da confusão dos espíritos”.

Diante da evolução da complexidade no campo comunicacional, a internet configura-se como uma das mais inovadoras tecnologias de informação e comunicação. Sobretudo, porque esta mídia digital ou pós-massiva, conforme Wolton (2006) é capaz gerar uma quantidade diversa de informação (entretenimento, variados serviços, atividades financeiras); infinitas possibilidades de liberdade de expressão; e quase nenhuma regulamentação.

A precificação generalizada da vida social, como enfatiza Bauman (2007), inerente ao sistema capitalista, provoca uma condição humana no qual predominam o desapego, a versatilidade e, por fim, a destruição criativa. Eis o que o autor denomina de “vida líquida”, como retrato fiel do ser contemporâneo. Nesse contexto, na tentativa de se produzir e evidenciar o novo, as informações são transmitidas de forma excessiva, desordenada e impulsiva, contudo a compreensão das mensagens torna-se cada vez mais superficiais, descartáveis e ininteligíveis. Portanto, a lógica dos fluxos da mídia digital ou pós-massiva, acaba acentuando problemas como a incomunicação.

⁴ As telecomunicações dizem respeito às distintas tecnologias de comunicações à distância, como a telegrafia, a telefonia, as radiocomunicações, a teledifusão e a internet.



2. Evolução da comunicação dos meios massivos: do alfabeto ao audiovisual

Em meados de 700 a.C. ocorreu na Grécia uma das mais importantes invenções da humanidade: o alfabeto. Para Lévy (1993), tal invento atrela-se totalmente a consolidação da democracia e, prontamente, da cidadania greco-romana. Pois, desde o momento em que esta técnica de escrita não é mais privilégio dos escribas, todos podem ter acesso ler à lei. Deste modo, numa civilização sem o estabelecimento do alfabeto, haveria uma imensa dificuldade de uma plena consagração da democracia.

Houve depois o surgimento da bíblia de Gutenberg, entre 1450 a 1455, pois com a prensa gráfica foi possível à reprodutibilidade da escrita em cópias geradas a partir de uma matriz. Ao analisar as transformações históricas devido à descoberta da impressão na Europa, durante o Renascimento, Lévy (1993) ressalta que sem este advento não existiria a imprensa, e, por conseguinte, a opinião pública estava fadada à inexistência. E, assim, conseqüentemente as grandes democracias modernas, como as que floresceram na Inglaterra, na França, com a Revolução Francesa, ou nos Estados Unidos, com a Revolução Americana não rebentariam.

Da prensa mecânica resultou a explosão do jornal e a multiplicação de livros, e a fotografia aliou-se a este veículo com seu potencial de documentar os fatos noticiados. Por sua vez, o cinema passou a desenvolver a habilidade de contar histórias e narrativas ficcionais, competindo com a prosa literária (SANTAELLA, 2005).

Com o passar do tempo, houve a necessidade do homem suprimir e vencer as fronteiras do tempo e do espaço. Em 1835, na Itália, surgiu o telégrafo sem fio, idealizado pelo cientista italiano Guglielmo Marconi⁵. Mas apenas em 1892, o rádio foi criado pelo padre brasileiro Landell de Moura. No Brasil, a primeira transmissão radiofônica ocorreu no dia sete de setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Nesta célebre ocasião, o presidente Epitácio Pessoa proferiu seu primeiro discurso. O rádio nessa época alcançava poucas distâncias, mas era um meio de informação e entretenimento extremamente útil.

Desde então, como enfatiza Bordenave (2006, p. 30), “o domínio das ondas eletromagnéticas reduziu o tamanho do mundo e o transformou numa aldeia global.”

⁵ Deve-se ressaltar que Guglielmo Marconi só conseguiu transmitir a voz humana por ondas de rádio em 1914. Portanto, alguns teóricos defendem que o rádio foi sua criação.



Nesse sentido, o rádio e a televisão instauraram o apogeu da comunicação massiva, como declara Castells:

A cultura audiovisual teve sua revanche histórica no século XX, em primeiro lugar com o filme e o rádio, depois com a televisão, superando a influência da comunicação escrita nos corações e almas das pessoas. Na verdade, essa tensão entre a nobre comunicação alfabética e a comunicação sensorial não meditativa determina a frustração dos intelectuais com relação à influência da televisão, que ainda domina a crítica social da comunicação de massa. (CASTELLS, 2006, p.413)

O intenso poder de sedução, estímulo sensorial, e fácil comunicabilidade, resultaram no domínio da televisão, ao ponto de Castells (2006) proclamar uma nova era da comunicação: “a galáxia de McLuhan”, sendo este termo uma menção a um dos estudiosos mais exaltadores da TV. Diante da influência impactante deste veículo, o autor afirma que os outros meios de comunicação não desaparecessem, mas foram reestruturados e reorganizados, por um sistema cujo coração compunha-se de válvulas eletrônicas e o rosto atraente era uma tela de televisão, e assim:

O rádio perdeu sua centralidade, mas ganhou em penetrabilidade e flexibilidade, adaptando modalidades e temas ao ritmo da vida cotidiana das pessoas. Filmes foram adaptados para atender às audiências televisivas, com exceção à arte subsidiada e espetáculos de efeitos especiais das grandes telas. Jornais e revistas especializaram-se no aprofundamento de conteúdos ou enfoques de sua audiência, apesar de se manter atentos no fornecimento de informações estratégicas no meio televisivo dominante. (CASTELLS, 2006, p. 415-416)

De modo fascinante e persuasivo, também aclama Bodernave (2006, p. 30), a televisão se “converteu numa magia a domicílio”. Isto porque, conforme o autor concilia o alcance geográfico do rádio com as potencialidades visuais do cinema.

Prontamente a televisão caracteriza-se como um meio de comunicação de massa ou como uma grande mídia. Além da TV, a imprensa e o rádio são estruturados de acordo com o dispositivo comunicacional “um para todos”: “um centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos” Por isso, são consideradas mídias unidirecionais, cuja informação transmitida é processada de forma linear, mecânica e vertical. Portanto, não há uma comunicação, no seu real sentido etimológico de compartilhamento, troca e diálogo.



3. O surgimento das mídias pós-massivas: a era digital

A comunicação mediada por computadores, como também a Internet é distinguida, nasceu a partir de um projeto idealizado pela Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (ARPA9), que investiu no desenvolvimento de um sistema de comunicação invulnerável aos ataques nucleares. Porém, esse sistema não possuía centro de comando e de controle. Assim, as mensagens percorriam trajetos diferentes e podiam ser recuperadas em qualquer ponto da rede. Inicialmente, tinha a função de interligar pesquisadores e centros de computação, com o objetivo de compartilhar recursos técnicos e ainda trocar mensagens sobre o andamento dos projetos.

Por volta dos anos 80, outras redes foram desenvolvidas pela Fundação Nacional da Ciência: a Bitnet, para estudos de matérias não científicas (em parceria com a IBM) e a CSNET, outra rede científica. Mas todas elas usavam a ARPANET como sistema de comunicação que, por isso, passou a ser chamada de ARPAINET, mais tarde foi denominada de apenas INTERNET, operada pela Fundação e custeada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

A narrativa da Internet, segundo Castells (2006, p.82) é “uma rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contracultural” Uma vez que foi da união de esforços do trabalho de: grupos de pesquisadores, anônimos, jovens universitários e empresários esta mídia digital se desenvolveu, espalhando-se globalmente e tornando-se uma estrutura ímpar na história da humanidade. Pois, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode emitir e receber informação em tempo real, em diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) e ainda transmiti-la para qualquer lugar do planeta.

No século XXI, a mídia digital (após o estouro da bolha no ano 2000) foi sendo sucessivamente enriquecida com Wikipedia e Wikis (2001); com a blogosfera e sua florescência de expressões pessoais e temáticas (a partir de 2002); com Delicious e outros instrumentos de bookmarking social (2003); do Facebook e Flickr (2004); Youtube (2005); Twitter (2006); e posteriormente assolaram uma diversidade de mídias sociais. No mesmo período, acessos portáteis e sem fio à mídia digital se multiplicaram e a comunicação “em nuvem” se generalizou (LÉVY, 2011).

Parte essencial da celebração, em torno das infinitas possibilidades da Internet, resultou precisamente da oportunidade de acesso à informação. Tanto que a população



conectada, em seus lares, em todo planeta ultrapassou os dois bilhões, com o crescimento de 500%, desde o início do século. Para Lemos (2003) tal ascensão pode ser atribuída a uma das principais características desta nova mídia, como sendo o imediatismo, a interatividade e conexão generalizada.

Num momento embrionário, essa nova arena comunicacional chegou a provocar várias opiniões controversas, otimistas e pessimistas. Negroponte (1995) aclamava como sendo uma era da informação personalizada, já Sola Pool (1983) conceituava as redes eletrônicas como “tecnologias da liberdade”. No entanto, Postman (1998) alertava para o preço social que seria pago pela mudança tecnológica e o desaparecimento das mídias tradicionais.

Sabemos que o jornal, a televisão, o rádio, o cinema não irão desaparecer, mas sim, será absorvido num rumo ao intenso processo de convergência para a mídia digital. Isto porque, conforme Lévy (2011, p.1) a internet dispõe de “uma possibilidade de expressão pública e de acesso à informação sem precedentes na história humana”. De fato, a mídia digital alcançou índices históricos de penetração mais rápido do que qualquer outro meio de comunicação. Nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV conquistou este nível em 15 anos; a internet o fez em apenas três anos (CASTELLS, 2006, p.439).

A mídia digital modifica radicalmente a esfera pública, de acordo com Lévy (2011), por principalmente estender ou democratizar a liberdade de expressão pelo menos em três fatores: econômico, técnico e institucional. Inicialmente econômica, porque se pode publicar: textos, imagens, softwares, músicas e dados em geral destinados a uma audiência potencialmente planetária a um custo zero ou ínfimo. Técnica, depois, porque através do uso das ferramentas digitais de comunicação praticamente não há necessidade do domínio das habilidades de programação de HTML. E, por fim, institucional, pois a publicação não passa pela revisão dos conselhos editoriais, redatores, produtores e demais diretores de canais que controlavam as velhas mídias.

O resultado da interação contínua e abrupta desses três fatores, ainda conforme Lévy (2011, p.2), “é uma perda gradual do monopólio dos mediadores tradicionais de informação e cultura, e o que obviamente, não significa o fim imediato de sua influência”. Pois, antes mesmo da incorporação dos suportes midiáticos, a cultura sempre foi mediada, condicionada e transformada pela comunicação, por ser um canal pelo qual os padrões de vida (crenças, valores, hábitos e tabus) são historicamente



produzidos e transmitidos. Pois, é através também da comunicação, segundo Bordenave (2006, p.36), “que as pessoas se relacionam, transformam-se mutuamente e modificam, por fim, a realidade onde estão inseridas”. Toda cultura, portanto, é afetada profundamente pelos processos de comunicação.

Mais do que nunca, na contemporaneidade, há uma relação “simbiótica entre sociedade, cultura e as novas tecnologias de comunicação”, momento este definido por Lemos (2003, p. 11) de Cibercultura⁶. Do mesmo modo Castells (2006) acredita que esse novo sistema de eletrônico de comunicação possui um alcance global e um poder interatividade inigualável, ao ponto de moldar de forma definitiva a nossa cultura. Tanto que caracteriza a internet como um pulsante caldeirão de representações e expressões simbólicas, ao ponto de ser responsável por vivificar e originar a cultura da virtualidade real:

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica e material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. (CASTELLS, 2010, 459).

Para Castells (2006, p.462) a cultura da virtualidade real seria precisamente “onde o faz-de-conta vai se tornando realidade”. As bases principais dessa nova cultura são: o espaço de fluxos e o tempo intemporal. O novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, dimensões fundamentais da vida humana. Uma vez que o espaço de lugares (localidades geográficas) é substituído pelo espaço de fluxos (redes funcionais). Para o autor, o tempo é apagado, já que o passado, presente e futuro podem ser programados, através de diversas mensagens e linguagens (línguas, músicas, fotografias, desenhos, imagens, símbolos), para interagir num mesmo ambiente digital.

Acreditamos que a ciência, a tecnologia e a comunicação alcançaram um desempenho essencial para as atividades humanas. Porém, há uma certeza que os aparatos cibernéticos e biotecnológicos possam servir de fronteiras transformadoras, ou até prover soluções mágicas, são tendências da sociedade líquido-moderna. No entanto, o conhecimento científico e novas tecnologias de informação e comunicação estão cada vez mais complexos e distantes da compreensão do cidadão comum.

⁶ Para Lévy (1999, p.17), a cibercultura é “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.



4. Diferentes dimensões: informação e comunicação

Ao longo desta discussão, destacamos que comunicação e informação não são palavras sinônimas. Para adentrarmos na complexidade do universo comunicacional, torna-se também necessário compreendermos o significado de mídia, segundo Lévy (1999, p.61), “é suporte ou veículo da mensagem. O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet”.

A internet configura-se como uma mídia revolucionária, ainda conforme Lévy, por primeiramente seu dispositivo informacional ser em rede e fluxo, dispondo assim de informações num espaço em estado contínuo de transformação. Mas sua novidade principal encontra no seu dispositivo de comunicação (“todos-todos”) interativo e comunitário, onde há uma entranhada relação entre pessoas e grupos, conferindo certa qualidade de laço social. No entanto, será que esta mídia digital proporciona uma comunicação na sua essência real ou genuína, ou apenas há informação mecânica, superficial e descartável?

O deslumbramento pelas operações técnicas da mídia digital, devido suas novas formas de comunicação transversais e interativas, reforçam a ideia de liberdade, democracia e solidariedade. Contudo, uma observação mais atenta e crítica, consegue perceber que a comunicação sofre ainda influência da realidade técnica e não de uma percepção mais humanista. Nesse sentido, pensamos que a comunicação e informação precisam terminantemente ser discutidas e relacionadas ao contexto sociocultural e político, como enfatiza Wolton:

Sim, salvar a comunicação é preservar sua dimensão humanista: o essencial da comunicação não está do lado das técnicas, dos usos ou dos mercados, mas do lado da capacidade de legar ferramentas cada vez mais performáticas a valores democráticos, como se viu o imenso movimento de solidariedade mundial por ocasião do Tsunami de dezembro de 2004 no sudeste da Ásia (WOLTON, 2006, P.10)

É urgente refletir sobre a importância da comunicação, numa tentativa de salvar, socorrer e preservar o seu legítimo sentido. Sobretudo, porque vivemos numa modernidade líquida, segundo Bauman (2007), onde o consumidor não obtém satisfação, seja consigo ou com o outro, nem mesmo por meio do amor. Pois, vive-se numa sociedade pautada pela indiferença, despreendimento e efemeridade. Para o autor,



ainda há o medo incólume de não acompanhar a fluidez e a velocidade dos eventos e produtos, e por fim, tornar-se dispensável, dejetivo e lixo-humano.

Diante deste cenário, a fragilidade da comunicação torna-se ainda mais evidente, sobretudo, porque o significado de informação difere integralmente da ideia genuína de comunicação. A primeira limita-se a transmitir, distribuir e divulgar por meio de um simples gerenciamento de conteúdo, portanto, não há uma relação subjetiva. De acordo com Marcondes Filho (2009, p.99), a informação “exclui o comentário e a intrusão do sujeito na mensagem. Ela também pode ser teoricamente medida: para isso se utilizam dos conceitos de entropia, ruído e redundância”, como constatou a teoria matemática da comunicação.

A comunicação é um processo em que há negociação, compartilhamento, troca e diálogo. É admissível acreditar que a comunicação possa contribuir de modo crucial para liberdade, empoderamento e autonomia dos indivíduos. Pois, comunicar é questionar, compartilhar e tentar compreender esta vida líquida, bem como, suas relações sociais e anseios humanas. Contudo, não pode haver a utopia que este processo somente é possível através de suportes, técnicas ou veículos. Antes dos aspectos técnicos ou mercadológicos, é imprescindível o sentido ético e humano, pois:

Diante de uma sociedade fragmentada, mais desigual que há cinquenta anos, com menos fatores de integração e ascensão social, as novas tecnologias correspondem às aspirações de liberdade das novas gerações, mas também correm o risco de se tornar ferramentas de reificação das desigualdades e diferenças (WOLTON, 2006, p.91).

A fluidez, a fragmentação e efemeridade marcam a existência contemporânea. Pois, na tentativa de se produzir e evidenciar o novo, mídia digital transmite informações de forma excessiva, desordenada e impulsiva, contudo a compreensão das mensagens torna-se cada vez mais superficiais, descartáveis e ininteligíveis. Segundo Wolton (2006, p.153), estamos diante de uma tripla equação: abundância de informação e baixa comunicação, incomunicação, onipresença do outro, retorno das identidades e coabitação.

Além disso, para Marcondes Filho (2004, p.7), “as pessoas continuam a achar que sua maneira de ver o mundo, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias são fatos internos, íntimos, incomunicáveis”. Isto porque vivemos numa Sociedade da Informação, conforme Soares (1996), que nem sempre reflete a existência de uma Sociedade de Comunicação.



5. Considerações Finais

A mídia digital contribui aos espaços públicos do século XXI não só para uma maior liberdade de expressão, mas também para uma nova oportunidade de escolher uma diversidade de fontes de informação e de expressões culturais (cultura popular, erudita, entretenimento, educação, persuasão etc.). Para Castells (2006, p.459), a internet torna-se um “supertexto histórico gigantesco”, pois nesse universo há manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa, construindo assim um novo sistema simbólico.

Apesar das novas das formas de comunicação transversais, cooperativas e interativas da mídia digital, compreendemos que a incomunicação é uma fase que está relacionada à sociedade líquida. Uma vez que os usuários tem dificuldade de se comunicar e compartilhar conhecimento e informação, de modo que potencializem a capacidade de imaginação e de pensamento humano.

A partir de discussões, trocas, interações entre indivíduos, poderá se superar a interconexão caótica e desenvolver a inteligência coletiva. Lévy (2003, p.28) define como uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta numa mobilização efetiva de competências”. E isto não ocorre de modo aleatório, pois os usuários são envolvidos e comprometidos com a necessidade de agir e crescer mutuamente.

Diante do exposto, acreditamos é que a comunicação precisa ser resignificada, pois se encontra corrompida e fragilizada, mesmo diante de um dispositivo midiático - em rede e fluxo - que facilita sua propagação de informação. Nesse sentido, há informação em excesso, e uma dificuldade imensa de se comunicar. Pensamos que os indivíduos necessitam de autonomia cognitiva para selecionar informações de qualidade e, por fim, desenvolver um pensamento crítico, criativo e proativo. Só assim se pode atrelar e relacionar inteligência coletiva e comunicação e conseqüentemente, conseguir construir conhecimento.

A partir de uma mudança de atitude da sociedade, a mídia digital será capaz de intervir no espaço público mais que em qualquer outro meio de comunicação. Isso porque, muito além de entretenimento e informação, acredita-se que esta nova mídia possibilita o intercâmbio do conhecimento, processos de imaginação coletiva, e por fim, novos mecanismos de emancipação humana.



6. Referências

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 2006, v. 1, 6ª edição.

_____. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. DE SOLA POOL, I. **Technologies of freedom.** Cambridge: Harvard University Press, 1983.

LEMONS, A. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época.** In: Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Tecnologias da Inteligência.** São Paulo: Ed.34, 1993.

_____. **A esfera pública do século XXI:** Biblioteca Pierre Lévy. São Paulo: 2011. Disponível em: <<http://escoladeredes.net/group/bibliotecapierrelevy/forum/topics/a-esfera-publica-do-seculo-xxi>> Acesso em: 25 de abril de 2015.

MARCONDES FILHO, C. **Até que ponto de fato nos comunicamos?** Uma reflexão sobre o processo de individualização e formação. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e ilusões,** São Paulo: Paulus, 2009.

NEGROPONTE, N. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

POSTMAN, N. **The new technologies and the human person: communicating the faith in the new millenium.** Palestra. Denver, Colorado (EUA), 27 de março de 1998.

SOARES, I.O. **Sociedade da comunicação ou informação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

WLTON, D. **É preciso salvar a comunicação.** São Paulo: Paulus, 2006.

SATAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2008.